

# CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História  
da Universidade de Lisboa

20



ἩΜΕΙΣ ΤΟΙΣ ΠΡΟΤΕΡΟΝ ΕΙΣ ΤΗΝ ΠΑΤΡΙΔΑ  
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

## **PARTES AGRIPPINAE: PROBLEMAS EM TORNO DE UM GRUPO POLÍTICO**

RODRIGO FURTADO

*Universidade de Lisboa*

rct@fi.ul.pt

### **Resumo**

A existência de umas *partes Agrippinae* seria por certo um acontecimento bizarro em Roma, e a possibilidade desta liderança não é, obviamente, um elogio a uma senhora. De qualquer modo, Tácito reconhece a existência destas *partes* em torno de Agripina Maior, capazes de vir a combater numa guerra civil. Um manifesto exagero: os nomes que chegaram até nós não parecem constituir grande facção. De resto, a inimizade entre Agripina e Tibério pode ter sido real, mas não deve ter ajudado a manter solidariedades em torno da neta de Augusto; é também provável que, na ausência de um líder do sexo masculino, o círculo de relações de Agripina tenha emagrecido nos anos a seguir à morte de Germânico. Francamente, pergunto-me se a história de família de Agripina ajudaria a concitar demasiadas esperanças; afinal, todas as prováveis conspirações dos que lhe tinham sido próximos tinham sucessivamente falhado. Será, assim, propósito deste artigo analisar o futuro político da viúva de Germânico a partir do seu círculo de amizades.

**Palavras-chave:** Agripina Maior; Élio Sejano; Amizade/*amicitia* em Roma

### **Abstract**

The simple existence of some *partes Agrippinae* would surely be a bizarre event in Rome; even the possibility of such a leadership is not obviously a compliment to a woman. But, Tacite acknowledges the existence of these *partes* around Agrippina Maior, able to fight a civil war. It is a manifest exaggeration: the names that we know don't seem to have constituted a

great faction. Enmity between Agrippina and Tiberius may have been real, but it surely didn't help to maintain solidarity around Augustus' granddaughter; it is also likely that, in the absence of a leader male, Agrippina's circle of friends has thinned in the years following Germanicus' death. I wonder if Agrippina's familial history helped to muster too many hopes: in any case, all probable conspiracies of those who had been close to her had successively failed. This paper thus aims at the analysis of the political future of Germanicus' widow through the identification of her closest friends.

**Keywords:** Agrippina the Elder; Aelius Sejanus; Friendship/*Amicitia* in Rome.

A multidão acotovelava-se junto ao cais. Esperava-se um navio vindo de Corfu. Era habitual: Brundísio era o mais importante porto do Sul da Itália. Todos os dias aí atracavam dezenas de embarcações, na sua maioria vindas da romana Corcira ou então de Dirráquio. Desta vez, aguardava-se uma mulher, depois de o navio que a transportava, vindo da distante Antioquia do Orontes, ter estacionado durante algum tempo em Corfu para que a ilustre passageira se recompusesse. As notícias da sua repentina viuvez tinham abalado a Itália logo em Dezembro, e agora, ainda em pleno Inverno, ela estava de regresso com as cinzas do marido e com dois dos seus seis filhos, agora órfãos: o pequeno Gaio, então com sete anos, e Júlia, apenas com um ano, nascida já nas longínquas terras do Oriente. Senadores e cavaleiros tinham percorrido a via Ápia, vindos de propósito de Roma, numa longa viagem de mais de 250 léguas; muitos militares e ex-soldados tinham também chegado a Brundísio para homenagear a viúva. Com a elite local misturavam-se curiosos e populares, na esperança também de vislumbrar as personagens da capital. «Assim que foi avistada a armada ao largo, não só o porto e as zonas junto ao mar, mas também as muralhas e os telhados de onde era possível avistar o mais longe possível se encheram com uma multidão de gente a lamentar-se e a interrogar-se se deveria receber o desembarque em silêncio ou com alguma manifestação. [...] Quando a mulher saiu do navio com os dois filhos e com a urna fúnebre nas mãos e depois que baixou o olhar, um mesmo gemido atravessou a multidão; não se distinguia o choro dos que lhe eram próximos dos que não a conheciam, o dos homens do das senhoras» (Tac. 3.1<sup>11</sup>).

Com 32 anos, depois de pelo menos nove gestações e com seis filhos ainda crianças<sup>12</sup>, Agripina<sup>13</sup> era a neta mais nova do divino Augusto,

e, em circunstâncias ainda não totalmente esclarecidas, acabara de enviuar do filho adoptivo do novo *princeps*, o promissor Germânico<sup>(6)</sup>. A quem os conhecera, Agripina e o marido devem ter parecido um «casal sensação»<sup>(5)</sup>. Os costados de Germânico aconselhavam-no: seu pai, Druso, filho de um primeiro casamento da influente imperatriz Lúvia e irmão mais novo do circunspecto Tibério, morrera ainda antes dos 30 anos, mas deixara excelentes recordações sobretudo entre a soldadesca; a mãe, Antônia, era uma das filhas do triunviro Marco Antônio, sobrinha de Augusto e *matrona* muito respeitada e com uma rede clientelar que alastrava a boa parte do Oriente do Império; em 4 d. C. Germânico fora adoptado pelo tio Tibério, agora *princeps*, de quem se tornara, pois, um dos dois sucessores putativos (o outro era Druso, filho biológico do imperador); já depois do casamento com Agripina, Germânico tomara-se influente e ganhara experiência em cenários de guerra como a Panónia, a Germânia e, nos dois últimos anos, o Oriente.

Por seu lado, Agripina tinha sido o quarto filho de Marco Vipsânio Agripa<sup>(6)</sup> e de Júlia<sup>(7)</sup>, o braço direito e a filha única de Augusto, respectivamente; através de Escribónia<sup>(8)</sup>, sua avó materna, Agripina era parente dos antiquíssimos Fúrios Camilos<sup>(9)</sup>, dos prestigiados Cipiões<sup>(10)</sup> e Cecílios Metelos<sup>(11)</sup>, ou, claro, dos mais 'novos' Escribónios Libões<sup>(12)</sup>. Contudo, nem o *pedigree* imperial permitira que Agripina crescesse em ambiente pacífico. Ficara órfã de pai com apenas dois anos (12 a. C.) e a mãe casara outra vez, desta feita com o enteado do imperador, aquele mesmo Tibério que era tio e haveria de ser pai adoptivo de Germânico. O casamento correria mal e não era para menos: os noivos já tinham casado contrariados, o único filho morrera à nascença (Suet. *Tib.* 7.3) e Júlia teimara na vida dissoluta que já antes levara quando o seu anterior marido ainda era vivo (Tac. 1.53); além disso, é bem possível que os filhos e a clientela de Agripa nunca tenham visto com bons olhos a crescente influência de Tibério junto de Augusto, que o promovera de enteado a genro e lhe concedera a *tribunicia potestas*<sup>(13)</sup>: Tibério acabara por se exilar em 6 a. C. em Rodas. Júlia também não tinha escapado incólume: quatro anos depois, a sua promiscuidade (talvez a ocultar motivos mais políticos) atraíu a fúria de Augusto, que a exilou na ilha de Pandatária e, mais tarde, em Régio, onde acabaria por morrer já em 14 d. C. Com apenas 12 anos, a entrar, pois, em idade casadoira, Agripina ficara sem pai, sem mãe e, de facto, sem padrasto. Todos os seus irmãos haveriam também de morrer cedo: os jovens Lúcio e Gaio, em 2 e 4 d. C., quando desper-

tavam naturais esperanças junto de Augusto (e.g. Gell. *noct. att.* 15.7.3); em 7 d. C., por supostos motivos morais, Agripa Póstumo<sup>141</sup> fora exilado para a minúscula Planásia e aparecera morto em circunstâncias estranhas pouco depois da morte de Augusto; a irmã mais velha de Agripina, Júlia<sup>142</sup>, fora enviada para o arquipélago adriático das Tremiti, onde ainda vivia, também exilada na sequência talvez de nova conspiração, em 8 d. C. O marido desta, o nobilíssimo L. Emílio Lépidio<sup>143</sup>, terá sido também exilado ou talvez mesmo supliciado, também por conspiração. Agripina era, pois, a única sobrevivente dos descendentes directos do primeiro príncipe, razão mais que suficiente para que o seu inesperado regresso do Oriente, quando a tragédia de novo a atingira, tivesse suscitado atenções e curiosidade.

Um outro aspecto pode ter também causado alguma 'curiosidade': como reagiria o imperador ao regresso da mais nobre das suas parentes? De facto, é possível que entre Tibério e Agripina a simpatia não fosse muita, sobretudo se as relações entre o *princeps* e os irmãos de Agripina tiverem mesmo sido tensas. Talvez alguma desconfiança tenha estado também na origem da inimizade que, segundo o mesmo Tácito, Lívia, mãe de Tibério, nutria por Agripina (Tac. 1.33). Contudo, talvez Tibério não tivesse muito a temer: que se saiba, nem Agripina nem Germânico tinham tomado qualquer posição política contra ele; Agripina era, claro, irmã dos que pareciam ter-se-lhe oposto mais de vinte anos antes, mas isso não fazia dela agora uma opositora declarada ao imperador; quando muito talvez uma personagem menos simpática. É certo que Tácito não poupa esforços para mostrar sinais de inimizade entre Tibério e Germânico<sup>144</sup>. Contudo, em trabalho anterior, não encontrei provas concretas que permitissem defender a real oposição entre o príncipe e o seu sobrinho e filho adoptivo<sup>145</sup>. Naturalmente, não afastei a possibilidade de que Germânico tivesse concitado esperanças por parte de gente próxima dos familiares de Agripina, embora também aqui os elementos de prova sejam escassíssimos<sup>146</sup>.

Mas agora, naquele Inverno de 20 d. C., Germânico estava morto; todos os irmãos de Agripina estavam mortos e a sua única irmã estava no exílio. Contudo, Agripina e os seus seis filhos não estavam sozinhos no mundo. Tácito assegura que, quando desembarcou em Brundísio, todos os seus amigos a esperavam. Tibério enviara duas coortes da guarda pretoriana para trazer as cinzas de Germânico para Roma (Tac. 3.2) e, pelo caminho, as várias cidades por onde o cortejo passou foram manifestando o seu pesar. Druso e Cláudio, irmãos do falecido, e os quatro filhos de Germânico e de Agripina que não tinham

acompanhado os pais ao Oriente esperaram o cortejo em Terracina, cerca de 60 léguas a sul de Roma (Tac. 3.2); à entrada da Urbe, os dois cônsules, M. Aurélio Cota Máximo Messalino e Marco Valério Messala, acompanhados pelo senado e por grande parte do povo, homenagearam o falecido. As cinzas de Germânico foram depositadas no mausoléu de Augusto, sob aclamações a Agripina como *decus patriae, solus Augusti sanguinis* e *unicum antiquitatis specimen* (Tac. 3.4). A ausência de Tibério e de Livia (pai adoptivo e avó do defunto) nas cerimónias fúnebres deve ter suscitado reparos de desagrado e há-de provocar duros comentários acerca dos reais sentimentos do imperador e da sua mãe para com o morto. Contudo, Tibério e Livia não foram os únicos que faltaram ao funeral. A mãe de Germânico, Antónia, também não compareceu. Os comentários de Tácito mostram que, em rigor, ele não fazia ideia por que razão a cúpula da família imperial não teria estado presente<sup>(20)</sup>.

De qualquer modo, Agripina não deve ter estado sozinha nesses dias: Tácito quer fazer crer que em torno dela se agrupavam então os amigos de Germânico. Segundo o historiador, antes de morrer fora a estes *amici* que Germânico dirigira um dos seus últimos discursos (Tac. 2.71). O refrão pedido depois a Agripina (Tac. 2.72) contrasta com a vingança exigida então aos amigos. Como o Germânico de Tácito afirma, «a principal função dos amigos não é acompanhar o defunto com um lamento inútil, mas recordar-se dos seus desejos e cumprir o que mandara». Logo depois, continua: «vingar-me-eis vós, se me apreciais mais do que à minha fortuna». E, no final, «apertando a mão direita do moribundo, os amigos juraram que mais depressa esqueceriam a sua própria vida do que a vingança» (Tac. 2.71). No mundo dos valores romanos, há um nexo essencial entre a *amicitia* e a *fides*, como valor da lealdade de um amigo para com o seu amigo. Quando Tácito endereça este discurso de Germânico aos seus *amici* ele coloca-os no centro de um acto onde é a *fides* o tema principal – e, nesse contexto da morte de Germânico, é precisamente a *fides* o motivo para a sua coesão como grupo, reforçada pelo mandato de Germânico para uma acção comum. Se Tácito admite para esses «amigos» uma qualquer dimensão política, ela é adquirida aqui, no leito de morte de Germânico, que exige a vingança pela sua morte.

Ora, no contexto do regresso a Itália, parece evidente que Tácito quer mostrar a manutenção deste mesmo grupo em torno de Agripina. Como ponto de partida, listo abaixo todos os amigos de Germânico que identifiquei em trabalho anterior<sup>(21)</sup>.

i	Cálio Salano	<i>PIR</i> <sup>2</sup> C 520	preceptor de Germânico	
ii	Caro	<i>PIR</i> <sup>2</sup> C 455	preceptor dos filhos de Germânico	
iii	Albinovano Pudão	<i>PIR</i> <sup>2</sup> A 479	prefeito de Germânico na Germânia	
iv	M. Emílio Lápido	<i>PIR</i> <sup>2</sup> A 363 Laet 14	cos. 11 d.C. preceptor de Nero, filho mais velho de Germânico irmão fora noiva de Lúcio César, irmão de Agripina	senador patricio <i>nobilis</i>
v	Emílio		centurião na Germânia	
vi	L. Esterácio		<i>dux equitum</i> na Germânia	
vii	C. Cetrônio	<i>PIR</i> <sup>2</sup> C 216 Laet 79	legado na Germânia	senador homem <i>novus</i>
viii	C. Áncio	<i>PIR</i> <sup>2</sup> A 780 Laet 33	legado na Germânia	Senador homem <i>novus</i>
ix	Anoerio	<i>PIR</i> <sup>2</sup> A 727 Laet 28	legado na Germânia	senador homem <i>novus</i>
x	A. Cecina Severo	<i>PIR</i> <sup>2</sup> C 106 Laet 73	sufl. 1 d.C. legado na Germânia	senador homem <i>novus</i>
xi	L. Aprônio	<i>PIR</i> <sup>2</sup> A 971 Laet 39	sufl. 8 d.C. legado na Germânia procónsul da África (18-21)	Senador homem <i>novus</i>
xii	C. Sílio A. Cecina Largo	<i>PIR</i> <sup>2</sup> S 718 Laet 353	cos. 13 d.C. legado na Germânia até 21	senador <i>nobilis</i> do séc. 1 a.C.
xiii	Sócia Gala	<i>PIR</i> <sup>2</sup> S 781 FGS 720	esposa de C. Sílio	
xiv	P. Súdrio Rafo	<i>PIR</i> <sup>2</sup> S 970 Laet 794, 1125	questor na Germânia legado na Síria	senador homem <i>novus</i>
xv	P. Vitêlio	<i>PIR</i> <sup>2</sup> V 502 Laet 425	legado na Germânia procónsul na Bitúnia (18-19)	senador homem <i>novus</i>
xvi	L. Seio Tuberão	<i>PIR</i> <sup>2</sup> S 324 Laet 331	sufl. 18 d.C. legado na Germânia	senador homem <i>novus</i>
xvii	Q. Serveu	<i>PIR</i> <sup>2</sup> S 557 Laet 342	legado na Comagene (18 d.C.)	senador homem <i>novus</i>
xviii	Q. Verânio	<i>PIR</i> <sup>2</sup> V 265 Laet 405	legado na Capadócia (18 d.C.)	Senador homem <i>novus</i>
xix	C. Vibio Marso	<i>PIR</i> <sup>2</sup> V 388 Laet 410	sufl. 17 d.C. legado no Oriente	senador homem <i>novus</i> (?)
xx	Cn. Sécúcio Saturnino	<i>PIR</i> <sup>2</sup> S 395 Laet 338	sufl. 4 d.C. primo de Agripina legado no Oriente governador da Síria (39 d.C.)	senador <i>nobilis</i> do séc. 1 a.C.
xxi	Sesto Pompeio	<i>PIR</i> <sup>2</sup> P 584 Laet 296	cos. 14 d.C. procónsul da Macedónia (8-9 d.C.) procónsul da Acáia ou da Ásia (24?-25?)	Senador <i>nobilis</i> do séc. 1 a.C.
xxii	Tício Sabino	<i>PIR</i> <sup>2</sup> T 202		Cavaleiro
xxiii	Q. Cecílio Metelo Crítico Sílano	<i>PIR</i> <sup>2</sup> C 64 Laet 71	cos. 7 governador da Síria (14-17 d.C.) talvez casado com uma prima de Agripina filha prometida a Nero, filho mais velho de Germânico	senador patricio <i>nobilis</i>
xxiv	D. Haterio Agripa	<i>PIR</i> <sup>2</sup> H 25 Laet 188	<i>trib. pl.</i> 15 d.C. pretor (17 d.C.) talvez sobrinho de Agripina	senador <i>nobilis</i> do séc. 1 a.C.

Estes vinte e quatro nomes não esgotam, por certo, todos os amigos de Germânico. Naturalmente, nem todos eles terão sido propriamente seus «amigos»; trata-se mais de «um elenco dos indivíduos que mantiveram algum tipo de relação com Germânico»<sup>(22)</sup>. E destes, nem todos terão mantido contacto continuado com o jovem general... e, após a morte deste, decerto nem com Agripina.

De facto, quem esperasse encontrar alguma notícia sobre as relações entre a maior parte destes amigos e a viúva de Germânico ficaria muito desiludido. Sobre Cássio Salano, Caro, Albinovano Pedão, M'. Emilio Lépido, o centurião Emilio, Estercínio, Cetrónio, Âncio, Anceio, Cecina Severo, L. Aprónio, P.Sulio, Seio Tuberão, Sêncio Saturnino e Hatério Agripa<sup>(23)</sup> (15 nomes em 24) desconhecemos relações directas ou indirectas com Agripina depois do ano 19. É facto que muitos destes homens tinham mantido relações militares com Germânico, sem necessária proximidade política ou social; findas as missões militares, e com a morte de Germânico, os laços então criados devem ter-se desfeito com naturalidade.

Atentemos nos restantes nove nomes. Sabemos que, antes de Germânico morrer, o seu filho primogénito, Nero, tinha o casamento acordado com uma filha de Crético Silano<sup>(24)</sup>, o último representante da prestigiada estirpe dos Cecílios Metelos (Tac. 2.43; *CIL* 6.914=LS 184.2); é possível que a rapariga tenha morrido, porque nunca mais se ouve falar dela e porque Nero acabará por casar logo naquele mesmo ano 20 com a prima direita, Júlia, a filha de Druso e Livila (Tac. 3.29.4). Sobre Crético Silano nada mais se sabe.

Sexto Pompeio recusou-se a defender Pisão, o principal suspeito pela morte de Germânico (Tac. 3.11); talvez a amizade com o defunto tenha desempenhado aqui algum papel. Depois, Pompeio foi procônsul da Acaia ou da Ásia (possivelmente entre 24-25), mas desconhece-se qualquer outra sua relação com a família de Germânico.

Quando Germânico morreu, P. Vitélio estava no Oriente e, por certo, deve ter depois mantido alguns contactos com Agripina em Roma, já que se tornou aí um dos acusadores de Pisão no processo em torno da morte de Germânico (Plin. *nat.* 11.187, Tac. 2.74, 3.10, 3.13, 3.17, Suet. *Vit.* 2). Por essa razão, Tibério agraciou-o com um sacerdócio (Tac. 3.19). O mesmo aconteceu com Q. Serveu (legado na Comagene) e com Q. Verânio (legado na Capadócia), que também estavam no Oriente em 19 e que, por terem depois sido também acusadores de Pisão (Tac. 2.74, 3.10, 3.13, 3.17), receberam a mesma recompensa por parte do imperador (Tac. 3.19); por fim,

sabemos que C. Vibio Marso reivindicou debalde o governo da Síria após a morte de Germânico (Tac. 2.74), e que acompanhou depois Agripina no regresso do Oriente (Tac. 2.79). Os três primeiros, embora lealmente agraciados por Tibério, nunca chegarão ao consulado, apesar de, provavelmente já antes de 19-20 d. C., terem sido pretores, o degrau do *cursus honorum* anterior ao consulado (Suet. *Vit.* 2; Tac. 6.7.2). Vibio Marso, que estava mais à frente na carreira por ter sido cônsul sufecto em 17, também não parece ter desempenhado depois qualquer cargo de relevo até 27.

C. Silio e a mulher, Sósia Gala (Tac. 4.18-19), e Tício Sabino (Tac. 4.18, 4.68) mantêm-se próximos de Agripina e são, de facto, estes os únicos amigos de Germânico que mantêm explicitamente relações próximas com a viúva. É certo que C. Silio (sobre a mulher nada sabemos) se manteve na Germânia até 21 d. C. (Tac. 3.42-46, 4.18.1), onde se distinguiu como general, mas depois deve ter regressado a Roma.



Mas há novos nomes em torno de Agripina, ou nomes que apenas agora aparecem nas fontes:

Cláudia Pulcra<sup>(25)</sup>, filha de M. Valério Messala Barbato Apiano (cos. 12 a. C.) e muito provavelmente de Marcela Menor<sup>(26)</sup>, e viúva do famoso P. Quintílio Varo (cos. 13 a. C.) que morrera em 9 d. C. na estrondosa derrota da Floresta de Teutoburgo, é uma das personagens próximas de Agripina depois de 19 d. C. É, no entanto, provável que esta relação fosse anterior porque Cláudia pertencia ao círculo da família imperial. A avó materna de Cláudia era Octávia, irmã de Augusto; era, por isso, prima de Germânico e de Agripina. Era também sobrinha ou prima de Ápio Cláudio, um dos *nobilitas* acusado de relações com a mãe de Agripina em 2 a. C.<sup>(27)</sup>; era ainda prima direita de D. Júnio Silano, acusado de ser amante da irmã mais velha de Agripina em 8 d. C.<sup>(28)</sup>. Esta teia de relações de Cláudia Pulcra é, assim, coerente com os círculos em que as duas Júlias se moviam.

P. Quintílio Varo<sup>(29)</sup>, nascido em 6 a. C., era filho desta Cláudia e, apesar da diferença de idades entre ambos (23 anos), ficou entretanto noivo da pequena Júlia, a filha mais nova de Germânico e de Agripina (Sen. *contr.* 1.3.10), ou mais provavelmente de [Júlia] Agripina Menor, que era talvez a mais velha das irmãs. Por certo, este compromisso confirma a proximidade entre as respectivas mães.

L. Sálvio Otão (*suff.* 33)<sup>(30)</sup>, pai do futuro imperador Otão, teve também uma filha (Sálvia?<sup>(31)</sup>) que ficou noiva de Druso, o segundo filho de Agripina (Suet. *Otho* 1.3). Embora possivelmente este «noivado» tivesse sido patrocinado por Lúvia – afinal, este Otão chegara a pretor no início do principado de Tibério, graças ao favor da imperatriz (Suet. *Oth.* 1) – o casamento não se concretizou, talvez porque a noiva tivesse morrido. Desconhece-se o parecer de Agripina sobre este casamento.

Cn. Domicio Aenobarbo<sup>(32)</sup> casou com Agripina Menor ainda em 28. Era primo direito de Germânico, filho de Antónia Maior e, por isso, também neto de M. António e de Octávia. Não seria impossível que esta fosse uma aliança dinástica patrocinada por Agripina; contudo, todas as fontes garantem que foi Tibério quem apoiou o casamento (Jos. *ant.* 20.148, Tac. 4.75, Plut. *Ant.* 87, Suet. *Nero* 5.2, Galba 5, Dio 58.20.1, 61.2.3).

Júlia<sup>(33)</sup>, que ao casar com Nero se tornou a primeira nora de Agripina, era filha de Druso e Livila, e, por isso, neta do imperador Tibério e sobrinha do falecido Germânico. Segundo Tácito, este casamento foi desejado pelo príncipe, mas não se conhece qualquer reacção adversa por parte de Agripina (Tac. 3.29.3).

Anote-se ainda uma Emília Lépidia<sup>(34)</sup>, filha de M. Emilio Lépidio (*cos.* 6). Foi ela que acabou por casar com Druso, o segundo filho de Germânico e Agripina (Tac. 6.40). É provável que a vontade de Tibério tenha também sido aqui preponderante.

Deixo para o fim Asínio Galo (*cos.* 8 a. C.)<sup>(35)</sup>, que entretanto enviuvava de Vipsânia (em 20)<sup>(36)</sup>, a primeira mulher de Tibério, de quem este a contra gosto se tinha divorciado para casar com a mãe de Agripina. Desconheço a relação de Asínio com Germânico, embora a dureza que aquele demonstrou depois, em 24 d. C., no julgamento de Sósia Gala (Tac. 4.20) e o texto escrito por Cláudio *adversus Asini Galli libros* (Suet. *Claud.* 41) possam desaconselhar uma relação próxima. Afinal, Sósia era declaradamente amiga de Agripina e Cláudio era irmão de Germânico. Contudo, há outros elementos que poderiam indicar alguma proximidade mais antiga, mesmo anterior à morte de Germânico e de Vipsânia. De facto, Agripina e Vipsânia eram meias-irmãs, já que esta última era também filha de Agripa, do seu primeiro casamento com Pompónia Cecília Ática<sup>(37)</sup>. E, não muito depois da morte de Germânico e de Vipsânia, pelo menos uma das filhas de Agripina (talvez uma vez mais Agripina Menor, se for ela a mais velha) chegou a estar noiva de Asínio Salonino<sup>(38)</sup>, um dos seus primos, filho de Asínio Galo e de Vipsânia, que entretanto morreu logo

em 22 (Tac. 3.75.1). Além disso, tal como Sexto Pompeio, Galo esteve também entre os que recusaram defender Pisão após a morte de Germânico, o que tanto pode não significar nada como indicar alguma proximidade ao general defunto (Tac. 3.11.2). Há outro pormenor porventura mais estranho: segundo Suetônio, numa das duas ocasiões em que tentara escapar de Planásia, Agripa Póstumo fora ajudado por um tal Asínio Epicado (Suet. *Aug.* 19.2). Ora, Asínio não é um *nomen* assim tão comum na Roma do século I d. C. Era seguramente liberto ou descendente de algum liberto do próprio Asínio Galo ou de Asínio Polião († 4/5 d. C.), seu pai<sup>(40)</sup>. Por isso, não é nada despropositado supor que ainda mantivesse com aquela família os naturais laços de clientela<sup>(41)</sup>. Estaria assim Asínio Galo implicado na tentativa de libertação de Póstumo? Esta hipótese não encontra, contudo, eco nas fontes, embora pudesse ser sugestiva uma ligação, já que, obviamente, a mulher de Asínio Galo não era apenas meia-irmã de Agripina, mas também do exilado Agripa Póstumo<sup>(42)</sup>. De resto, a mãe de Asínio Galo chamava-se Quíncia<sup>(43)</sup>, podendo ser por isso familiar de T. Quíncio Crispino Sulpiciano (*cos.* 9 a. C.)<sup>(44)</sup>, que fora acusado de estar implicado com... a mãe de Agripina em 2 a. C. De qualquer modo, também tenho de admitir que esta proximidade familiar não implicou qualquer reacção de Augusto contra os Asínios nem permite por si só postular a proximidade de Asínio Galo a Germânico/Agripina. Só mais um pormenor, talvez não totalmente desprovido de consequências políticas: parece certo que Tibério não tinha apreciado nada o casamento de Vipsânia com Asínio Galo (Tac. 1.12.6); além disso, dizia-se que o próprio Asínio estimava Druso, o filho único de Tibério e de Vipsânia, como se fosse seu, o que muito irritava o príncipe (Dio 57.2.7); de resto, as intervenções de Galo no senado ao longo do principado de Tibério parecem mostrar com frequência ataques velados ao príncipe e por vezes uma óbvia oposição<sup>(45)</sup>. Ora, apesar da diferença de mais de 25 anos que os separava (Asínio terá nascido em 41 e Agripina em 14 a. C.), e após terem ficado viúvos (em 19 e 20 d. C.), deve ter havido em algum momento uma aproximação entre ambos, e deve ter-se chegado a planejar o seu casamento (Tac. 4.53.2, 6.25.2). Afinal, «to be effective in politics, a woman needed a husband [...] to act for her»<sup>(46)</sup>.

É claro que nem todos estes nomes são garantidamente de «amigos» de Agripina. Naturalmente, todos se devem ter cruzado com ela.

Com certeza, alguns terão sido próximos da viúva de Germânico. Mas será difícil caracterizar o grupo; se é que existia propriamente um «grupo». Como referi, Tácito insiste na *spes* dos *amici* de Germânico (Tac. 1.33, 2.71). Esta deve ter sido uma esperança no futuro político do general; afinal, os laços de família com Augusto, Livia ou Tibério, o talento militar provado no Reno, no Danúbio e no Oriente, a simpatia de que Germânico parecia gozar junto da população ou a sua numerosa prole concorriam para que esta *spes* não viesse a ser simples fogacho. Por isso, a morte de Germânico só pode ter constituído uma decepção para os seus *amici*; apesar dos pedidos do moribundo, os rumores sobre o seu possível envenenamento ou sobre o eventual envolvimento de Tibério bem como a natural passagem do tempo devem ter contribuído para a desmobilização de muitos.

De qualquer modo, nos anos a seguir à morte de Germânico, nada devia indiciar qualquer perda de favor da sua descendência. Antes pelo contrário: a *deductio* de Nero, o primogénito, ocorreu certamente nos *Liberalia* daquele mesmo ano 20 d. C., quando, com 14 anos, recebeu a *toga virilis*; e, tal como tinha acontecido na época de Augusto com o próprio Tibério e com o seu irmão, Druso, com os jovens Marcelo, Gaio e Lúcio e ainda com Germânico e Druso, o senado avançará em cinco anos a idade de Nero para a questura, a ser assim desempenhada no ano em que completasse os vinte anos (Tac. 3.29, Suet. *Tib.* 54.1) – um óbvio sinal de preferência, confirmado pelo casamento, ainda em 20, de Nero e de Júlia, que era a única neta biológica de Tibério (Tac. 3.29.4, 4.60.4, 6.27.1, Dio 60.18.4). Em 23, também Druso, o segundo filho de Germânico e Agripina, se tornou *uesticeps* no ano do seu décimo quarto aniversário e viu também avançada em cinco anos a idade para poder assumir a questura (Tac. 4.4.1, Suet. *Tib.* 54.1). Depois de 14 de Setembro do mesmo ano 23, quando da morte do seu único filho biológico, Tibério levou os seus netos por adopção, Nero e Druso, até ao Senado, e entregou-os simbolicamente ao cuidado dos *patres* (Tac. 4.8, Suet. *Tib.* 54.1). Dois anos depois, em 25, Druso foi prefeito da Cidade na ausência dos cônsules, durante os seis dias das *feriae latinae* (Tac. 4.36.1). No mesmo ano, a 5 de Dezembro e a caminho do seu vigésimo aniversário, Nero assumiu a questura, tal como tinha sido acordado (Tac. 4.8.2) – afinal, o avô de Nero, Druso, e o seu pai, Germânico, também tinham iniciado o *cursus honorum* com 19 anos (em 18 a. C. e talvez em 6 d. C., respectivamente); Druso, o filho de Tibério, com 23 anos (em 11 d. C.); apenas o próprio Tibério fora questor ainda com 18 anos (em 23 a. C.)<sup>46)</sup>.

No entanto, uma coisa parece certa: algo começou a correr mal. Ainda em 1 de Janeiro de 24 d. C., Tibério tinha reagido mal à iniciativa dos pontífices e de outros sacerdotes em incluir Nero e Druso entre os votos que se faziam pela saúde do príncipe. Sejano tê-lo-ia alertado para o facto de que «a cidade estava a ser conduzida para a guerra civil; havia os que se diziam do partido de Agripina, e, se não houvesse oposição, eles haveriam de ser mais» (Tac. 4.17). Creio que a existência de umas *partes Agrippinae* seria por certo uma acusação bizarra, e a possibilidade de uma liderança feminina não é, obviamente, um elogio a Agripina. Repare-se ainda que não chegaram a existir umas *partes Germanici*, e nem sequer encontrei a expressão *partes Iuliae*. De qualquer modo, Tácito reconhece a existência destas «partes» em torno de Agripina, capazes de vir a combater numa guerra civil. Um manifesto exagero: os nomes que chegaram até nós não parecem constituir grande facção. De resto, muitas destas pessoas estão também ligadas a Tibério, e é muito provável que o príncipe tenha, de facto, influenciado muitas das relações dos filhos de Agripina, que eram, convém sempre recordar, seus netos por adopção. De qualquer modo, de entre os amigos de Agripina, pelo menos Cláudia Pulcra foi explicitamente acusada de planear a morte de Tibério (Tac. 4.52); e Asínio fora o desagradável marido da primeira mulher do príncipe. É possível que um qualquer grupo de Agripina fosse, de facto, antipático para com Tibério; que Agripina fosse ambiciosa e se impacientasse por Tibério, que chegara ao poder já com 54 anos, nunca mais morrer; é de facto possível que Agripina quisesse apressar a chegada dos filhos ao poder e que se apresentasse como a legítima herdeira do sangue de Augusto (Tac. 4.52; Suet. *Tib.* 53)<sup>(47)</sup>; que concitasse ainda os poucos descontentes de um seródio grupo das Júlias, embora nem agora encontremos nomes comuns. A inimizade entre Agripina e o príncipe pode ter sido real, mas não deve ter ajudado a manter solidariedades em torno da neta de Augusto; é também provável que, na ausência de um líder do sexo masculino, o círculo de relações de Agripina tenha emagrecido nos anos a seguir à morte de Germânico; e uma liderança política feminina era mal apreciada em Roma. Francamente, pergunto-me se a história de família de Agripina ajudaria a concitar demasiadas esperanças: afinal, todas as prováveis conspirações dos que lhe tinham sido próximos tinham sucessivamente falhado. Autores há ainda que vêem em Agripina a defensora de uma ideologia de matriz oriental, herdada de M. António e transmitida depois a Calígula<sup>(48)</sup>. É possível, mas as fontes são tímidas quanto a esta hipótese.

Além de que Agripina era neta de Augusto e filha de Agripa (os vencedores de Áccio) e, em bom rigor, não era nada a Antônio. Como sugere B. Levick, é bem possível que a inimizade entre Tibério e Agripina «had arisen only after Germanicus» death, when she thought that her own children's prospect were in danger»<sup>149</sup>. Mas a fraqueza do seu grupo de amigos deve ter-lhe sido fatal.

De facto, alguns dos que pertenciam ao grupo de *amici* de Agripina começaram a ser sistematicamente perseguidos e eliminados desde relativamente cedo, embora nem sempre devido à sua relação com a viúva de Germânico: Sílio e Sósia Gala em 24, Cláudia Pulcra em 26, Varo em 26 ou 27, Sabino em 28 e Asínio Galo, preso em 30, suicidou-se em 33. Talvez já antes houvesse indícios de alguma desconfiança em relação aos amigos de Agripina: ainda em 21, o estranho episódio que envolvera o poeta Clutório Prisco pode ter já sido um ataque aos Vitélios<sup>150</sup>.

Se a carreira política de Nero ainda foi progredindo em meados dos anos 20, com o segundo filho de Agripina o caso foi diferente: a semelhança do que acontecera ao irmão mais velho e a alguns dos seus familiares, Druso esperava por certo a questura o mais tardar em Dezembro de 28. Tanto quanto é possível vislumbrar, não a recebeu, nem aí, nem mesmo um ano depois (cf. Dio 58.3.8). Com Calígula, o terceiro filho de Germânico e de Agripina, foi ainda pior: não chegou sequer a abandonar, como os dois irmãos mais velhos, a *praetexta* aos 14 anos, nos *Liberalia* de 26 d. C., como estaria naturalmente à espera; nem aos 15, nem aos 16 nem sequer aos 17 anos. Ironicamente, este esquecimento foi provavelmente o que o salvou: continuando a ser tecnicamente *impubes*, quando a ira imperial descarregou depois sobre os irmãos, acabou por não ser perseguido. De facto, e num processo pouco claro, no mesmo ano em que morria a sua bisavó, a imperatriz Livia, Nero foi declarado *hostis*, foi preso e exilado em Pôncia e suicidou-se em 30 ou 31 (Suet. *Tib.* 54.2, Dio 58.8.4); no ano seguinte, também como *hostis*, Druso foi encarcerado no Palatino e morreu na prisão já em 33 (Tac. 6.23.4, Suet. *Tib.* 54.2, *Cal.* 7, Dio 58.3.8). A própria Agripina foi exilada em Pandatária em 29 (tal como acontecera à sua mãe) e morreu em 33. A arrogância (*adrogantia oris*) e rebeldia (*contumax animus*) de Agripina e a suposta homossexualidade (*amores iuuenum et impudicitia*) de Nero constituíram as principais acusações conhecidas (Tac. 5.3); entretanto, deve também ter surgido a acusação de adultério de Agripina com Galo (Tac. 6.25): como refere Levick, «as with the two Julias and Agrippa

Postumus, a moral took the place of a political charge<sup>(51)</sup>. Calígula foi levado para Cápreas talvez em finais de 30 por ordem do imperador, recebendo apenas então a *toga virilis*, já com uns tardios 18 anos (Suet. Cal. 8.1, 10.1). Rogers propôs que a causa de todos estes acontecimentos funestos tenha sido a descoberta de uma conspiração cuja líder seria Agripina<sup>(52)</sup>. É possível, mas, tendo em conta os poucos nomes conhecidos que ainda a rodeavam, como poderia Agripina acreditar no êxito de uma conspiração? E quem eram, em 30, os rivais de Nero, Druso ou Calígula, que ameaçavam a sua posição política como sucessores de Tibério? É verdade que existia Tibério Gemelo, neto biológico do velho Tibério (com 71 anos), que tinha apenas 11 anos; seria ele já um rival a temer? Ou o rival seria antes o prefeito do pretório, o sinistro Sejano, cujo casamento com Livilla, a viúva de Druso, irmã de Germânico e cunhada de Agripina, foi finalmente aceite por Tibério em 31 (Tac. 5.6.2, 6.8, Suet. Tib. 65.1. Cf. Dio 58.3.9, 7.5, e Zonaras 11.2, que referem antes o projecto de casamento de Sejano com Júlia, a viúva de Nero)? Por fim, convém recordar que não havia propriamente nada de muito certo a que suceder, pelo menos em termos de regime: em Roma continuava-se a viver na *Respublica* e se Tibério possuía, é certo, o *imperium proconsulare* e a *tribunicia potestas*, não havia ainda um cargo claramente definido para o qual tivesse de haver necessariamente um sucessor.



Tácito é o principal autor que atribui a Sejano responsabilidade pela crescente desconfiança entre Agripina e Tibério e pela perseguição aos membros do seu círculo de *amicis*<sup>(53)</sup>. Não irei, neste contexto, rever toda a complexa relação entre Agripina e Sejano<sup>(54)</sup>; creio, no entanto, que, para a análise do grupo de amigos de Agripina, será útil anotar ainda a este propósito vários problemas que carecem de explicação.

Já quando estudei o grupo dos amigos de Germânico, me parecerá estranho que alguns deles (e não uns quaisquer; com uma excepção, encontram-se todos os que acusaram Pisão) se tivessem aproximado de Sejano ao longo dos anos 20, ao ponto de virem também a sofrer a perseguição de Tibério, quando da condenação do prefeito do pretório: além de Seio Tuberão (que era, nada menos, do que irmão adoptivo de Sejano, muito possivelmente por ter sido adoptado pelo pai deste, L. Seio Estrabão<sup>(55)</sup>), também P. Vitélio, Q. Serveu e talvez L. Aprónio, Víbio Marso e Domício Aenobarbo foram próximos

quer de Germânico (e/ou de Agripina) quer de Sejano. Assim, Vitélio conseguiu chegar a prefeito do erário militar em 31, quando Sejano era cônsul, acabou acusado de proximidade com o prefeito do pretório, tentou suicidar-se na sequência disso e acabou por morrer pouco tempo depois (Tac. 5.8); Serveu tornou-se por certo amigo de Sejano, já que também foi perseguido após a queda do prefeito do pretório (Tac. 6.7); L. Aprônio tornou-se sogro de Léntulo Getúlico (cos. 26) que era seguramente amigo de Sejano e cuja filha (neta de Aprônio) esteve prometida a Élio Galo Estrabão, o filho mais velho de Sejano (Tac. 6.30), executado com o pai (Tac. 5.9). Por volta do ano 28, quando o prefeito do pretório se encontrava no auge do seu poder, o próprio Aprônio pode ter ficado a dever o governo da Germânia Inferior à amizade com Sejano (Tac. 4.73)<sup>56</sup>; além disso, também o seu filho, L. Aprônio Cesiano<sup>57</sup>, que foi escolhido como pretor para 32 ainda em vida de Sejano, chegou a ser acusado de *maiestas* devido à sua relação com o prefeito do pretório, acabando por ser perdoado (Dio 58.19.1-2). Víbio Marso tornou-se procônsul da rica província da África entre 27-30, precisamente também quando Sejano era a personagem mais influente da política romana (cf. *PIR*<sup>2</sup> V 388). Por fim, Domicio Aenobarbo, além de ter casado com Agripina Menor quando Sejano era já a personagem muito influente na Urbe depois de Tibério, foi também designado para o consulado de 32 ainda em vida de Sejano, certamente com o acordo do imperador, mas também, naturalmente, com o do prefeito do pretório.

Há, contudo, dois casos de «mudança de campo» que merecem ser considerados um pouco à parte, porque a sua relação/amizade com Agripina está mais bem atestada: refiro-me a Druso, segundo filho de Agripina, e a Asínio Galo. Segundo Tácito, ainda no ano 26, Sejano *Drusum traxit in partes* (Tac. 4.60). O historiador considera que Sejano e Agripina seriam inimigos e quer assim fazer crer que Druso teria deixado as *partes Agrippinae* para se juntar às *partes* de Sejano – afinal o jovem sentiria ciúmes pela suposta preferência da mãe pelo irmão mais velho<sup>58</sup>. Neste caso concreto, segundo Tácito, Druso mudara assim explicitamente de campo; poderemos postular a mesma atitude para alguns dos antigos amigos de Germânico referidos acima?

No ano 30 (portanto quando Agripina já estava exilada), Asínio Galo ter-se-ia também aproximado de Sejano. Cássio Dion apresenta alguns motivos, seguramente fruto de uma interpretação *a posteriori*: ou porque o prefeito do pretório poderia suceder a Tibério ou para

Galo se proteger do imperador ou ainda para pôr Sejano de más relações com Tibério (Dio 58.3). Nenhuma das possibilidades propostas por Cássio Dion seria, pois, inocente. Sabe-se que, de Cápreas, Tibério reagiu muito mal a esta aproximação: escreveu ao senado acusando Asínio Galo de ciúmes pela sua *φιλία* com Sejano. Sendo Galo próximo de Agripina e sendo também Sejano, como os historiadores antigos querem fazer crer, o principal inimigo de Agripina, esta aproximação de Asínio Galo a Sejano, qualquer que tenha sido a sua razão, é verdadeiramente extraordinária. Estaria Asínio a traír Agripina, seguindo o exemplo de um dos seus filhos e talvez de alguns dos seus antigos amigos? Perante a queda em desgraça da viúva de Germânico, estaria Asínio Galo a tentar salvar a sua pele? Se foi isso, falhou: foi preso no próprio ano 30, quando Sejano ainda se encontrava bem seguro no poder. F. B. Marsh chegou a propor como hipótese que a sua prisão tivesse constituído o primeiro movimento de Tibério contra Sejano<sup>(59)</sup>. Contudo, nesse caso, as prisões de Agripina e de Nero, no ano anterior, e a do próprio Druso, também em 30, situar-se-iam em que contexto? Creio que é difícil não relacionar a prisão de Galo com a condenação de Agripina e dos filhos mais velhos: segundo Tácito, Agripina ter-se-ia suicidado precisamente depois de saber que Asínio Galo pusera fim à vida, o que confirmaria a proximidade entre os dois. Pode haver ainda uma outra possibilidade que explique a relação de Galo e Sejano – e se ela significasse também a tentativa de aproximação de Agripina ao prefeito do pretório? Afinal, muitos dos antigos amigos de Germânico já o tinham tentado, aparentemente, e até então, com êxito. E, por muito incrível que isso possa parecer, do exílio em Pandatária, ao ter herdado muitas das antigas amizades de Germânico, Sejano podia parecer a única hipótese de salvação face à má vontade de Tibério.

Observando bem os factos, não creio que seja um total disparate supor, em algum momento, a amizade entre Sejano e Agripina. Tácito (Tac. 4.54) e Suetónio (Suet. *Tib.* 53) contam que, já muitos anos antes, ainda em 26, num jantar, Tibério tinha oferecido fruta a Agripina. Esta, temendo a possibilidade de envenenamento, teria declinado a oferta, ofendendo o príncipe. É possível que Agripina desconfiasse de facto do imperador. Contudo, neste caso concreto, a dúvida acerca do gesto de Tibério não se deveu apenas a Agripina e aos seus receios. Esta dúvida fora antes habilmente insinuada pelo próprio Sejano *per speciem amicitiae*. *Per speciem* é obviamente uma interpretação de Tácito: ainda assim, esta versão dos factos supõe pelo menos que

Agripina escutasse os conselhos ou avisos de Sejano como se de um amigo se tratasse. De facto, se a versão de Tácito for correcta, Agripina teria interpretado como honesta a *amicitia* de Sejano, numa altura em que alguns dos seus próprios amigos, como Sílio, Sósia Gala, Cláudia Pulcra ou Varo tinham já sido ou estavam em vias de ser condenados... Em pleno «suposto» ataque de Sejano aos amigos de Agripina, parece que a própria não recusava a possibilidade da amizade com o prefeito do pretório; como já mostrei, nem ela nem seguramente outros dos antigos amigos do marido.

Essa possibilidade era, creio, mais que natural: possivelmente ainda antes de 19, Cláudio, o irmão biológico de Germânico, casara em segundas núpcias com Élia Petina, filha de Q. Élio Tuberão (*cos.* 11 a.C.) ou de Sexto Élio Cato (*cos.* 4), ambos primos de Sejano por adopção (Suet. *Claud.* 26.2, Tac. 12.1-2)<sup>(60)</sup>. A filha de Sejano, Junila<sup>(61)</sup>, chegará também a estar prometida ao filho mais velho de Cláudio, Druso (Tac. 3.29.5). É facto que Sejano não provinha de grande família; pelo contrário, Cláudio, que não parecia talhado para voos políticos, tinha *pedigree* de sobra; ora, Tácito insiste no gosto de Sejano por esta união, mas não deixa de afirmar que também Tibério desejava o casamento (Tac. 4.7), que só não se deve ter concretizado devido à morte inesperada do rapaz (Suet. *Claud.* 27). Também Livilla, irmã de Germânico, parece ter estado envolvida com Sejano; apesar de uma primeira recusa logo em 25 (Tac. 4.39), Tibério deve ter autorizado em 30 ou 31 o casamento entre ambos, certamente no contexto da subida de Sejano ao consulado (Tac. 5.6.2, Suet. *Tib.* 65.1)<sup>(62)</sup>. G. V. Sumner também propôs, com bons argumentos<sup>(63)</sup>, que Sejano fosse primo directo de um Júnio Bleso (talvez o cônsul sufecto de 26 d. C.), e que este casara com uma Antónia, sobrinha-neta de António Menor e, por isso, prima de Germânico. Mesmo depois da morte de Sejano, as filhas de Agripina ainda solteiras vieram a casar com homens que parecem ter sido próximos do prefeito do pretório: Drusila virá a casar já em 33 com L. Cássio Longino (*cos.* 30), que fora cônsul durante a prefeitura de Sejano, de quem era possivelmente *consobrinus* (Tac. 6.15.1, Dio 58.21.1)<sup>(64)</sup>; Júlia, a filha mais nova de Germânico e de Agripina, viria a casar no mesmo ano com M. Vinício Quartino (Jos. *AJ* 19.251. Cf. Tac. 6.15.1, Dio 58.21.1), que era familiar e amigo de Ânio Viniciano (Jos. *AJ* 19.251), outro dos homens próximos de Sejano perseguidos em 31 (Tac. 6.9).

Acima estão contabilizadas seis relações efectivas ou programadas entre familiares de Germânico/Agripina e de Sejano. Nem todas

estas relações têm a mesma importância e J. Nicols procurou desvalorizá-las, considerando que eram todas demasiado afastadas de Agripina ou que muitas destas uniões estariam relacionadas com a vontade de Tibério – o que é certo<sup>66</sup>. Ainda assim, elas parecem ter existido e, com os dados que tenho vindo a coligir, documentam relações entre as famílias de Germânico e de Sejano que não creio poderem ser simplesmente descartadas<sup>66</sup>.

Contudo, vários anos depois o cenário torna-se menos claro: como já referi, após Agripina e Nero terem sido presos, o mesmo aconteceu ao próprio Druso, ainda quando Sejano estava no poder em Roma – ter-se-ia Druso oposto ao exílio da mãe e do irmão, atraindo a ira do prefeito do pretório? É possível. E isso seria perfeitamente compatível com a informação de Suetónio que, quando refere os motivos para a queda em desgraça e para a condenação final de Sejano, cita a autobiografia de Tibério: *quod comperisset fuere aduersus liberos Germanici* (Suet. Tib. 61) – Sejano teria conspirado contra os filhos de Germânico: ao descobrir o plano do seu favorito, Tibério mandara executá-lo. Esta seria, de facto, uma causa verosímil para a queda do prefeito do pretório... se Sejano não tivesse sido, como foi, executado logo em 31. É verdade que nessa altura Nero tinha já morrido, pelo que nada haveria a fazer; contudo, Druso estava ainda preso e nem por isso foi libertado, depois de os intentos de Sejano terem vindo a público<sup>67</sup>. É certo que Agripina não é referida como motivo para a condenação do prefeito do pretório; contudo, dificilmente o destino da neta de Augusto pode ter estado desligado pelo menos do de seu filho mais velho; e também ela não foi reabilitada após a morte de Sejano. De qualquer modo, se tivesse sido aquela a causa real para a condenação de Sejano, pelo menos Druso não teria sido libertado? Não foi; e, quando Druso morreu, Tibério terá até afirmado que ele teria sido «uma desgraça para os seus e um perigo para a *Respublica*» (Tac. 6.24.1). Creio, assim, que deve haver uma contradição entre a causa que Tibério aponta para a condenação de Sejano e a própria atitude do imperador para com, pelo menos, um dos *liberi* de Germânico, para já não falar da própria Agripina: Druso continuou detido e morreu em 33, como inimigo da República, parecendo afinal dar razão à «perseguição» que Sejano lhe teria movido... e que cons-

tituíra afinal motivo da sua própria condenação. Por isso, ou não foi a conspiração de Sejano contra os filhos de Germânico a causa da sua condenação<sup>168</sup>; ou os *liberi* que Sejano terá perseguido não incluem Druso, que teria sido merecidamente preso, mas apenas Nero e seu filho Calígula, que Tibério chamou para junto de si em Cápreas (Tac. 6.3.4, Suet. 77b. 61)<sup>169</sup>.

Aduzo a este dossier apenas mais um facto: em 33, Agripina suicidou-se em Pandatária. Apesar de reticente, Tácito admite esta versão oficial (Tac. 6.25). Ora, quando soube que Agripina tinha morrido, Tibério terá notado uma coincidência: ela ter-se-ia suicidado precisamente no segundo aniversário da execução de Sejano – 18 de Outubro de 33. Ora esta coincidência de datas tem de ter sido voluntária, quer em caso de suicídio (mais provável) quer em caso de um eventual homicídio (mais improvável): ao acabar com a própria vida precisamente no dia em que fora executado Sejano, quis Agripina significar alguma coisa? Ou terá sido o mandante de uma suposta execução a querer dar significado à morte de Agripina? Ainda por cima, ao perceber a coincidência de datas, Tibério teria determinado que esse dia passasse a ser recordado (Tac. 6.25.2). Porquê? Se Sejano foi morto por perseguir os filhos de Germânico, como Tibério afirmou, seria certamente um inimigo de Agripina; então, além da simples coincidência, que significado substantivo vislumbrou Tibério ao querer unir Sejano e Agripina naquela comemoração? Não seria demasiado irónico querer unir na morte o algoz e a mãe das suas vítimas? A menos que essa oposição não fosse afinal tão evidente para Tibério e Tácito esteja equivocado.



Creio, de facto, que há demasiadas coincidências. Não pretendo desmentir completamente que Sejano tivesse maquinado a destruição de Agripina e dos seus filhos – seria necessário um estudo mais profundo deste tópico, que deixo para trabalho próximo. Mas pretendo, para já, matizar uma relação política que parece muitas vezes tratada demasiado a preto e branco. De facto, se é certo que o testemunho de Tácito nos garante que a perseguição de alguns amigos de Germânico e Agripina partiu do próprio Sejano, é também certo que outros daqueles amigos confiaram na *amicitia* com o prefeito do pretório. Teria sido o medo e a perseguição àqueles *amici* de Germânico a levar a

uma mudança de campo por parte destes? É possível, mas nenhum autor clássico os menciona como adesivos. É certo que Tácito diz que Sejano chegara a fingir ser amigo de Agripina, o que mostra que o prefeito do pretório fora de facto tido, pelo menos em algum momento, como *amicus*: por Agripina (que continuou na minúscula Pandatária mesmo depois da queda de Sejano), por Druso (talvez por isso não tenha sido libertado em 31), por Galo (que também permaneceu na prisão), por P. Vitélio e por Q. Serveu (que foram perseguidos em 31); por Cláudio, *paterfamilias* dos Cláudios, ligado a Sejano por laços familiares; e também por Livila, a irmã de Cláudio e de Germânico. É verosímil que a perseguição aos filhos de Germânico tenha sido a versão oficial para a condenação de Sejano e que isso tenha condicionado toda a historiografia sobre o assunto. Mas, a teia de relações familiares entre Sejano e a família de Germânico não pode ser casual – documenta a construção de laços que supõem aquela mesma *amicitia*, patrocinada ou não por Tibério, e que se estendem mesmo depois da morte do prefeito, com os casamentos de Drusila e de Júlia. Se houvesse testemunho de desconforto por causa da imposição de casamentos entre os familiares de Germânico e de Sejano, Tácito, Suetónio ou Cássio Dion não deixariam de o referir. Não o fizeram, e não tinham razão para não o fazerem; a menos que essas notícias de desconforto ou desagrado não existissem. De resto, a recusa inicial do casamento de Sejano com a irmã de Germânico partiu do próprio Tibério e não de nenhum dos outros familiares de Germânico. Repito: devem ser mais bem estudadas as relações entre Agripina e Sejano, não apenas com base no que Tácito diz literalmente, mas também no que ele quer literariamente transmitir.

Não é objecto deste estudo ir mais longe nas relações entre Sejano e Agripina. Contudo, creio que é possível aventar como hipótese que pode não ter havido nenhuma 'mudança de partido' consciente por parte de alguns dos amigos de Germânico, durante os anos 20. Hipócrita ou não, Sejano chegou a fazer-se entender junto de Agripina como um *amicus*: penso que deve ser levada a sério a possibilidade desta *amicitia* pelo menos em meados dos anos 20, atestada de facto por tantos indícios. É claro que, em finais dos anos 20, ainda quando Sejano estava no auge do seu poder, deve ter havido algum volte-face que levou à condenação da viúva de Germânico e dos filhos mais velhos ou porque Agripina ambicionava o poder para estes, ou porque Tibério nunca mais morria e Gemelo começava a chegar ao fim da *pueritia* ou porque Sejano alimentou esperanças de vir a suceder

ao velho imperador e procurou eliminar os rivais ou por todas estas razões; o que parece certo é que, mesmo quando Sejano caiu, Tibério considerou mais prudente manter Druso, Agripina e Asínio Galo no exílio ou na prisão. De resto, talvez através de Asínio Galo, é possível que Agripina tivesse tentado uma reaproximação a Sejano ainda no ano 30: terá sido por isso que o suicídio ou o homicídio de Agripina ocorreu no próprio dia em que Sejano foi executado? Tibério encarregou-se de notar a coincidência – ao fazê-lo, o príncipe subentendia de facto algum tipo de proximidade entre os dois.

## Notas

- <sup>11</sup> Excepto quando indicado de outro modo, o texto de Tácito aqui citado são os *Anais*.
- <sup>12</sup> Suet. *Cal.* 7. Pelo menos três rapazes (entre os quais um Tibério e um Galo) tinham entretanto morrido em tenra idade: cf. *PIR<sup>2</sup>* I 218 e *PIR<sup>2</sup>* I 225 e ainda *CIL* 6.888-890=ILS 188, 1881a-b. Os restantes filhos de Germânico e Agripina foram: Nero, nascido em 6 (*PIR<sup>2</sup>* I 223, Laet 645), Druso, nascido em 9 (*PIR<sup>2</sup>* I 220, Laet 643), Gaio, nascido em 12 (*PIR<sup>2</sup>* I 217, Laet 641), Agripina, nascida em 15 ou 16 (*PIR<sup>2</sup>* I 641, *FOS* 426), Drusila, nascida entre 15 e 17 (*PIR<sup>2</sup>* I 664, *FOS* 437) e Júlia, nascida em 18 (*PIR<sup>2</sup>* I 674, *FOS* 443).
- <sup>13</sup> *PIR<sup>2</sup>* V 463, *FOS* 812.
- <sup>14</sup> *PIR<sup>2</sup>* I 221, Laet 196.
- <sup>15</sup> Expressão de N. S. RODRIGUES, *Judaei in Vrbe. Os judeus em Roma de Pompeio aos Flávios*, Lisboa, 2007, 421. D. C. A. SHOTTER, «Agrippina the Elder – a woman in a man's world», *Historia* 49, 2000, 347, chama-lhes «dream-couple».
- <sup>16</sup> *PIR<sup>2</sup>* V 457, Laet 420.
- <sup>17</sup> *PIR<sup>2</sup>* I 634, *FOS* 421.
- <sup>18</sup> *PIR<sup>2</sup>* S 220.
- <sup>19</sup> Uma sobrinha ou sobrinha-neta de Escribónia, chamada talvez Livia Escriboniana (*FOS* 503), casara com M. Fúrio Câmilo (cos. 8 d. C.). Seria filha de M. Livio Druso Libão (cos. 15 a. C.), irmão ou sobrinho de Escribónia e irmão adoptivo de Livia.
- <sup>20</sup> Escribónia tinha casado com P. Cornélio Cipião (suff. 35 a. C.), tendo pelo menos uma filha chamada Cornéla, que casou com P. Emílio Lépido (suff. 34 a. C.) e um filho chamado P. Cornélio Cipião (cos. 16). Cf. R. SYME, *The Augustan Aristocracy*, Oxford, 1986, 244-254.
- <sup>21</sup> SCHEID, *Les frères arvales. Recrutement et origine sociale sous les empereurs Julio-Claudiens*, Paris 1975, 368 propôs que Q. Cecílio Metelo [Crético?] fosse casado com uma Escribónia, sobrinha ou sobrinha-neta da ex-mulher de Augusto e irmã de M. Escribónio Libão, o revoltoso de 16. Raepsaet-Charlier sugere que esta Escribónia fosse antes mulher de Q. Cecílio Metelo Crético Silano, filho adoptivo do anterior (*FOS* 688).
- <sup>22</sup> Escribónia era irmã ou filha de L. Escribónio Libão (cos. 34 a. C.). Um dos seus sobrinhos ou irmãos (cos. 15 a. C.) terá sido adoptado por M. Livio Druso Claudiano, o pai da imperatriz Livia; este terá sido o pai de L. Escribónio Libão (cos. 15 d. C.) e de M. Escribónio Libão, que se revoltou em 16 d. C. Cf. SCHEID, *Les frères arvales*.

<sup>118</sup> Cf. e.g. Suet. *Tib.* 10-13. A bibliografia é imensa. Veja-se, no entanto, o excelente artigo de B. LEVICK, «Tiberius retirement to Rhodes in 6 B.C.», *Latomus* 31, 1972, 779-813.

<sup>119</sup> *PIR* I 214.

<sup>120</sup> *PIR* I 635, *FOS* 813.

<sup>121</sup> *PIR* A 391, Laet 19. Segundo J. SCHEID, *Les frères arvales*, 1975, 89-93, e R. SYME, *History in Ovid*, Oxford, 1978, 208-11 defendem que L. Emílio Paulo foi exilado e não executado.

<sup>122</sup> D. SHOTTER, «Tacitus, Tiberius and Germanicus», *Hist.* 17, 1968, 194-214.

<sup>123</sup> R. FURTADO, «Os amigos de Germânico», in M. C. Pimentel, N. S. Rodrigues, orgs., *Sociedade, poder e cultura no tempo de Ovídio*, Lisboa, 2010, 37-55.

<sup>124</sup> R. FURTADO, «Os amigos de Germânico», 48-55.

<sup>125</sup> Cf. N. S. RODRIGUES, *Judaei in Vrba*, Lisboa, 2007, 471-2, que, com base na *Tabula Siaronsis*, explora a possibilidade de Antónia poder ter estado nas cerimónias fúnebres de Germânico em Roma. De qualquer modo, o facto de Antónia surgir representada com toda a sua família à volta de Germânico numa estátua triunfal não significa, necessariamente, uma representação rigorosa da realidade tal como ela terá acontecido: por exemplo, Druso, o pai de Germânico, também se encontraria representado, quando já tinha morrido há quase trinta anos.

<sup>126</sup> R. FURTADO, «Os amigos de Germânico», 39-43.

<sup>127</sup> R. FURTADO, «Os amigos de Germânico», 39.

<sup>128</sup> D. Hatério Agripa (cos. 22) era possivelmente neto de M. Vipsânio Agripa e de Marcela Maior, e, por isso, sobrinho de Agripina. Desconheço, no entanto, outras relações entre eles. Cf. *PIR* H 25, Laet 188, SYME, *The Augustan Aristocracy*, 133, 145, 162-163.

<sup>129</sup> *PIR* I 851, *FOS* 464.

<sup>130</sup> Cf. *PIR* C 1116.

<sup>131</sup> Cf. *PIR* C 1103. Segundo T. P. WISEMAN, «Pulcher Claudius», *HSCP* 74, 1970, 215-217, a mãe de Cláudia Pulcra seria antes Marcela Maior, irmã de Marcela Menor.

<sup>132</sup> O pai de Cláudia Pulcra, M. Valério Messala Barbato Apiano (*PIR* V 89, Laet 393), fora adoptado provavelmente por M. Valério Messala (cos. 53 a. C.), mas era filho de Ápio Cláudio Pulcro (cos. 38 a. C.); cf. R. SYME, *The Augustan aristocracy*, 147-154, 228-229. O Ápio Cláudio condenado com Júlia Maior (*PIR* C 985) era primo do pai de Cláudia Pulcra ou, mais provavelmente, seu irmão (cf. T. P. WISEMAN, «Pulcher Claudius», 208-221).

<sup>133</sup> D. Silano (*PIR* I 826, Laet 205) era filho de uma Ápia Cláudia (*PIR* C 1058, *FOS* 214), irmã do pai de Cláudia Pulcra.

<sup>134</sup> *PIR* Q 26, Laet 748.

<sup>135</sup> *PIR* S 107, Laet 758.

<sup>136</sup> *FOS* 683.

<sup>137</sup> *PIR* D 127, Laet 609.

<sup>138</sup> *PIR* I 636, *FOS* 422.

<sup>139</sup> *PIR* A 421, *FOS* 30.

- <sup>101</sup> Cf. *PIR*<sup>2</sup> A 1229. Cf. D. C. A. SHOTTER, «Tiberius and Asinius Gallus», *Historia* 20, 1971, 443-457.
- <sup>102</sup> *PIR*<sup>2</sup> V 462, FOS 811.
- <sup>103</sup> Tac. *ann.* 4.71.3 «cuius [scil. Galli] liberorum Agrippina matertera erat».
- <sup>104</sup> *PIR*<sup>2</sup> A 1253, Laet 524. Cf. *PIR*<sup>2</sup> A 1221.
- <sup>105</sup> Asínio Epicado seria *ex gente Parthina hybrida*, ou seja, teria a sua origem no povo dos Partinos, do Sul da Dalmácia, da região de Dirraquio. Ora Asínio Pollão fora destacado em 39 a. C., como proconsul para combater uma revolta destas populações (Cass. Dio 48.41).
- <sup>106</sup> *PIR*<sup>2</sup> A 1227.
- <sup>107</sup> S. JAMESON, «Augustus and Agrippa Postumus», *Historia* 24, 1975, 311. B. LEVICK, *Tiberius the politician*, London, 1976, 61, n. 51. B. LEVICK, «The fall of Julia the Younger», *Latomus* 35, 1976, 337-338. M. SORDI, «La morte di Agrippa Postumo e la rivolta di Germania del 14 d. C.», *Studi su Varrone, sulla retorica, storiografia e poesia latina*, Rieti, 1976, 486-487.
- <sup>108</sup> Cf. *PIR*<sup>2</sup> A 1241.
- <sup>109</sup> *PIR*<sup>2</sup> Q 44.
- <sup>110</sup> Veja-se o alenco muito pormenorizado e a análise de D. C. A. SHOTTER, 'Tiberius and Asinius Gallus', 446-451.
- <sup>111</sup> B. LEVICK, *Tiberius the politician*, 61.
- <sup>112</sup> Cf. G. V. SUMNER, «Germanicus and Drusus Caesar», *Latomus* 26, 1967, 413-435.
- <sup>113</sup> Para uma reivindicação semelhante por parte de Júlia, contra Tibério, cujo último antepassado a figurar nos *Fasti* tinha sido o longínquo Tib. Cláudio Nero (cos. 202 a.C.), veja-se Tac. 1.53.2 e *Maer. Sat.* 2.5.8.
- <sup>114</sup> M. PANI, «Troia resurgens: mito troiano e ideologia del principato», *Annali della Facoltà di Lettere di Bari* 18, 1975, 65-85.
- <sup>115</sup> B. LEVICK, *Tiberius the politician*, London, 51.
- <sup>116</sup> *PIR*<sup>2</sup> C 1199. Veja-se F. M. PETRINI, «Considerazioni su Clutório Prisco e il suo processo (Tac. *ann.* 3.49-51, Dio 57.20.3-4)», *Klio* 90, 2008, 76-104. Quando Druso, filho de Tibério, se encontrava já doente, Clutório escrevera um muito imprudente poema sobre a morte futura do filho do imperador (Tac. *ann.* 3.49.1, Dio 57.20.3), e recitara-o em casa de Petrónio (Tac. *ann.* 3.49.1). A reacção de Tibério foi brutal: Clutório foi condenado à morte (Tac. *ann.* 3.49-51, Dio 57.20.3-4). Ora aquele Petrónio era amigo de Cláudio (Sen. *apocof.* 14) e genro de uma Vitélia (*PIR*<sup>2</sup> V 513, Raepsaet-Charlier, FOS 816), irmã ou prima de P. Vitélio, o amigo de Germânico. Contudo, este facto não situa necessariamente Clutório na oposição a Tibério nem, muito menos, num grupo de amigos de Agripina.
- <sup>117</sup> B. LEVICK, *Tiberius the politician*, London, 169.
- <sup>118</sup> R. S. ROGERS, «The conspiracy of Agrippina», *TAPA* 82, 1931, 141-168.
- <sup>119</sup> Tac. *ann.* 1.69, 4.12, 4.15, 4.17, 4.39, 4.54, 4.59-60, 4.67. Vejam-se também Suet. *Tib.* 55, 61, Dio 58.3.8.
- <sup>120</sup> Para uma síntese, veja-se D. C. A. SHOTTER, «Tiberius and asinius Gallus», 349-355.
- <sup>121</sup> G. V. SUMNER, «Germanicus and Drusus Caesar», 141-143. Cf. *Vell.* 2.127.3.

<sup>162</sup> Cf. Z. STWEART, «Sejanus, Gaetulicus and Seneca», *AJP* 74, 1953, 72.

<sup>163</sup> *PIR*<sup>2</sup> A 972, Laet 511.

<sup>164</sup> Tácito e Cássio Dion também asseguram que a própria mulher de Druso, Emilia Lápida, teria sido particularmente próxima do prefeito do pretório (Tac. *ann.* 6.40.4, Dio 59.3.8).

<sup>165</sup> F. B. MARSH, *The reign of Tiberius*, Oxford, 1931, 194n.

<sup>166</sup> Não há, no entanto, qualquer referência nas fontes ao facto de que este casamento tenha sido patrocinado directamente por Sejano. Cf. Suet. *Claud.* 26.2; *PIR*<sup>2</sup> A 305, FOS 18.

<sup>167</sup> *PIR*<sup>2</sup> A 297, FOS 14.

<sup>168</sup> A filha desta, Júlia, mulher de Nero, também não terá desdenhado espiar o marido em proveito do prefeito do pretório (Tac. 4.80).

<sup>169</sup> G. V. SUMNER, «The family connections of L. Aelius Sejanus», *Phoenix* 19, 1965, 143-145. Este autor baseia-se em Tac. *hist.* 3.38, que se refere a Júnio Bleso, governador da Gália Lugdunense em 68-69, como descendente de Júnios e de Antónios (*Iunios Antoniosque avos iactantem*). Sumner sugere que L. Seio Estrabão (*PIR*<sup>2</sup> S 246), pai adoptivo de Sejano, fosse casado com uma Júnio (*PIR*<sup>2</sup> I 853, FOS 465), irmã de Q. Júnio Bleso (suff. 10 d.C.).

<sup>170</sup> G. V. SUMNER, «The family connections of L. Aelius Sejanus», 142-143. L. Cássio Longino (*PIR*<sup>2</sup> C 503, Laet 563) era filho de L. Cássio Longino (suff. 11) e de Élia (*PIR*<sup>2</sup> A 282a, FOS 7), uma prima de Sejano por adopção. Cf. G. V. SUMNER, «The family connections of L. Aelius Sejanus», 134-145.

<sup>171</sup> J. NICOLS, «Antonia and Sejanus», *Historia* 24, 1975, 49.

<sup>172</sup> Há já mais de trinta anos, J. Nicols analisou as versões de Josefo (*Jos. ant.* 18.180) e de Cássio Dion (Dio 66.14), que atribuem a Antónia, mãe de Germânico, a denúncia de Sejano e da sua suposta conspiração contra Tibério (cf. também Suet. *Tib.* 65). Já muito antes, Marsh e Syme tinham recusado esta versão dos acontecimentos (cf. F. B. MARSH, *The reign of Tiberius*, 304-310, R. SYME, *Tacitus*, Oxford, 1958, 752-754, citados por R. SEALEY, «The political attachments of L. Aelius Sejanus», *Phoenix* 15, 1961, 97). Ora Nicols procura mostrar que Josefo insere esta a notícia no âmbito de uma valorização da figura de Antónia devido às suas relações com Herodes Agripa. Desejoso de valorizar as personagens romanas que tinham contactado de perto com os herodianos, Josefo teria assim forjado uma história que colocaria a impecável matrona romana na origem da queda de Sejano (J. NICOLS, «Antonia and Sejanus», 53-55). O mesmo autor defende que, em Cássio Dion, esta notícia se centra em torno de Cenis, a amante de Vespasiano (J. NICOLS, «Antonia and Sejanus», 55-57). Por isso, J. Nicols considera «Antonia's importance in the fall of Sejanus as most probably based on inventions of the Claudian and Flavian periods» (J. NICOLS, «Antonia and Sejanus», 58). Ainda assim, mesmo que Antónia tenha sido a responsável pela denúncia de Sejano, tal não eliminaria as proximidades acima verificadas.

<sup>173</sup> Ao que parece, terá circulado o rumor da reconciliação entre Tibério, Druso e Agripina. Veja-se Tac. *ann.* 6.23.5-6.

<sup>174</sup> *Jos.*, *AJ* 18.6.6 e Suet. *Tib.* 65 acusam Sejano de ter conspirado contra Tibério.

<sup>175</sup> Ao que parece, pelo menos um Sexto Paconiano terá conspirado com Sejano contra Calpúlia (Tac. *ann.* 6.3.4).